

Entrevista

Lucila Spinola dos Santos está há cinco anos no Lar Madre Regina, em Guarulhos. “Aqui a gente não morre sozinha”



Texto e Fotos: Rita Amaral

As irmãs

“**N**asci em Nova Europa, Estado de São Paulo, no dia 5 de novembro de 1935. Era uma cidade pequena, e meu pai trabalhou numa fazenda nesse município. Ele foi lá montar a usina logo que se casou. Então nasceram eu e duas minhas irmãs, as mais velhas estavam mais grandinhas, e depois nasceram as outras. A mais velha se chamava Lúcia, depois tem a Lucy e depois sou eu, aí vêm a Maria Aparecida e a Esmênia. Cinco mulheres. Vivas, atualmente, minha irmã mais velha e eu”.

O pai

“Saí de lá com 7 anos de idade, meu pai foi montar outra usina no Paraná, em Porecatu. Ele foi em 1944 e nos deixou em Catanduva, onde moramos por dois anos. Em 1946 nos mudamos para o Paraná, que na época tudo era mato. Em 1948 papai faleceu e ficamos morando lá até 1964. Aí viemos para São Paulo. Primeiramente vieram minhas irmãs. Depois eu, meu marido e meus filhos. Minha filha tinha 13 anos e meu filho 10”.

O marido

“Conheci meu marido em Porecatu em 1949, ainda tinha 14 anos de idade. Ele era 17 anos mais velho do que eu, e não parecia, pois nos dávamos muito bem. Namorávamos escondido, porque eu era nova e minha irmã mais velha tinha ciúme. Quando minha mãe aceitou eu já estava com 15 anos, e me casei com 16. Casei em 51, e depois de 14 anos viemos para cá. Já tinha os dois filhos”.



Catanduva

“Trabalhei em hospital em Catanduva como recepcionista. Meu marido tinha tinturaria e acabou vendendo porque eu vivia chorando de saudades da minha mãe, e a política estava muito ruim lá. Mas o médico, doutor Egas, para quem eu trabalhava, queria que a gente fosse para Curitiba. Ele tinha hospital lá, mas achei que era tudo estranho, e queria ficar perto da minha mãe. A família do meu marido estava aqui, e isso reforçou nossa mudança para São Paulo”.

Vila Carrão

“Fomos morar na Vila Carrão porque meus cunhados moravam lá. Arrumaram casa para nós e depois nos mudamos para o Brooklin. Tinha um senhor, um advogado, era conhecido da minha irmã, e quando soube que eu tinha vindo para São Paulo, ele perguntou se queria ir trabalhar na casa dele, para tomar conta da mãe dele, e em troca daria uma casa para nós morarmos, e assim ficamos dois anos. Meu marido arrumou emprego na Casa José Silva como vendedor”.

Vila Mariana

“Depois saí de lá porque a senhora foi para o Rio de Janeiro, teve uma queda e morreu. O filho ficou estranho e começou a ter um comportamento muito esquisito. Achei que devíamos sair daquele lugar. Nessa época meu marido se aposentou e arrumou emprego de zelador em um prédio na Vila Mariana, depois trabalhou num prédio comercial. Eu peguei os conjuntos para limpar, foi doídura”.

Edifício Joelma

“Trabalhei na Crefisul no edifício Joelma, mas quando teve o incêndio estava de férias. Depois moramos em um prédio na rua Augusta por 13 anos. Conseguimos comprar a nossa casa na Vila das Mercês. Fiz muita limpeza, foi bom, juntei dinheiro, mas acabou comigo, estraguei minha mão, tive que operar, de tanta coisa que eu fazia. Tenho uma hérnia desde essa época. Acabei com minha saúde”.

Aclimação

“Ficamos na nossa casa dois anos, mas meu marido ficava falando: “Vou arrumar um serviço porque não aguento ficar parado”. Consegui um novo emprego num prédio do governo na rua José Getúlio, na Aclimação, por mais quatro anos, mas ficou doente, e meu genro começou a falar para ele largar o emprego. O dinheiro que a gente tinha na poupança já não rendia mais”.

Morte do marido

“Trabalhou em mais um lugar como zelador, teve um derrame, e em maio de 1990 ele morreu. Tínhamos acabado de voltar para nossa casa. Nem deu tempo de arrumar nossa mudança de volta. Fiquei morando na minha casa na Vila das Mercês, e minha filha construiu a casa dela em cima da minha. Meu filho morou comigo um tempo enquanto construía a casa dele. Fiquei mais de 20 anos sozinha. Fazia tricô, ia ao Sesi na Terceira Idade, e foi ficando cada vez mais difícil para eu andar”.

Neta adotiva



“A turma ia lá me pegar de carro. Depois parei e achei melhor não ir. Minha filha arrumou médico para ir até minha casa, antes eu ia ao posto. Comecei a ter uma ferida na perna em 1999. Morou comigo também a irmã do meu genro, que teve um bebê, e a família não a aceitou porque era mãe solteira. Eu a recebi em casa durante quatro anos. Mas tive que pedir para sair da minha casa porque ela bebia muito, e eu ficava muito nervosa. A filha dela me adotou como avó”.

Solidão

“Ficava muito sozinha, as vizinhas começavam a dizer que minha filha me deixava e eu nem conseguia abrir o portão de casa. Tive uma empregada, mas não deu certo. Ela só comia, dava despesa e ia embora cedo. Falei para a minha filha: “Arruma uma casa de repouso que eu vou”. Procuramos uma no nosso bairro, mas não gostei, e minha filha soube do Lar Madre Regina. Meu neto disse: “A vó só vai para lá se eu gostar”.

Cinco anos

“Fiquei um ano esperando vaga, e em outubro completa cinco anos que moro aqui. Já foi melhor aqui. Eles me tratam bem, tenho que dar um jeito de me acostumar, pois o que eu vou fazer?! Seja o que Deus quiser”.

Extrema-unção

“Uma coisa que acho bom é que morrer sozinha você não morre. Se a pessoa está mal, eles trazem o padre e ele dá a extrema-unção. Tem uma que está muito mal e o padre já veio três vezes! Tem as freiras também sempre por perto. Eu penso, ai que bom, a gente não morre sozinha”.

Rita Amaral - Pedagoga (PUC/SP), especialista em Gerontologia (HMSP), pesquisadora do GEM - Grupo de Estudos da Memória – NEPE - Núcleo de Estudos do Envelhecimento PUC - São Paulo. Atividade profissional: voluntária na Instituição de Longa Permanência "Lar Madre Regina" em Guarulhos desde 2002. Atendimento em Instituições de Longa Permanência para Idosos desenvolvendo atividades de Dança Sênior, passeios culturais em São Paulo, projeto "Encontros Autobiográficos" entre outros. Associada fundadora do OLHE (Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento) e associada do Ger-ações – Pesquisas e Ações em Gerontologia. Coordenadora e executora dos projetos da Oficina Memória Viva.
www.oficinamemoriaviva.com.br. rita@oficinamemoriaviva.com.br